**LECTIO DIVINA: A TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR**

**Mateus** 17, 1-9

1\*Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e seu irmão João, e levou-os, só a eles, a um alto monte. 2Transfigurou-se diante deles: o seu rosto resplandeceu como o Sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. 3Nisto, apareceram Moisés e Elias a conversar com Ele. 4Tomando a palavra, Pedro disse a Jesus: «Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.» 5Ainda ele estava a falar, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra, e uma voz dizia da nuvem: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado. Escutai-o.»
6Ao ouvirem isto, os discípulos caíram com a face por terra, muito assustados. 7Aproximando-se deles, Jesus tocou-lhes, dizendo: «Levantai-vos e não tenhais medo.» 8Erguendo os olhos, os discípulos apenas viram Jesus e mais ninguém.
9Enquanto desciam do monte, Jesus ordenou-lhes: «Não conteis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos.»

**Marcos** 9, 2-10

2\*Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os, só a eles, a um monte elevado. E transfigurou-se diante deles. 3As suas vestes tornaram-se resplandecentes, de tal brancura que lavadeira alguma da terra as poderia branquear assim. 4Apareceu-lhes Elias, juntamente com Moisés, e ambos falavam com Ele. 5\*Tomando a palavra, Pedro disse a Jesus: «Mestre, bom é estarmos aqui; façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias.» 6Não sabia que dizer, pois estavam assombrados. 7\*Formou-se, então, uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e da nuvem fez-se ouvir uma voz: «Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o.» 8De repente, olhando em redor, já não viram ninguém, a não ser só Jesus, com eles. 9Ao descerem do monte, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, senão depois de o Filho do Homem ter ressuscitado dos mortos. 10Eles guardaram a recomendação, discutindo uns com os outros o que seria ressuscitar de entre os mortos.

**Lucas** 9, 28b-36

28Uns oito dias depois destas palavras, levando consigo Pedro, João e Tiago, Jesus subiu ao monte para orar. 29Enquanto orava, o aspeto do seu rosto modificou-se, e as suas vestes tornaram-se de uma brancura fulgurante. 30E dois homens conversavam com Ele: Moisés e Elias, 31\*os quais, aparecendo rodeados de glória, falavam da sua morte, que ia acontecer em Jerusalém. 32Pedro e os companheiros estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele. 33Quando eles iam separar-se de Jesus, Pedro disse-lhe: «Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.» Não sabia o que estava a dizer. 34\*Enquanto dizia isto, surgiu uma nuvem que os cobriu e, quando entraram na nuvem, ficaram atemorizados. 35\*E da nuvem veio uma voz que disse: «Este é o meu Filho predileto. Escutai-o.» 36\*Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou só. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto.

**I. LECTIO: QUE DIZ O TEXTO?**

**1.** **Qual o género literário deste texto?**

Tal como o texto relativo à cena do Batismo do Senhor, trata-se também aqui de uma “teofania” (uma revelação de Deus). Há vários elementos que nos fazem dar conta de que estamos diante de um género literário muito próprio, cheio de símbolos: um alto monte, o estar a sós, a cor branca e brilhante das vestes, a presença «em glória» do grande profeta (Elias) e do grande legislador (Moisés); a nuvem e a voz que confirma Jesus como o Filho amado do Pai. Numa palavra: o relato está tecido de ecos da teofania do Sinai, tomados de diversos lugares do relato de Ex 24: a montanha alta, os seus dias, as três pessoas escolhidas como testemunhas, a voz, o temor… A nuvem e a sombra, apontam para o cenário das grandes revelações; a nuvem é o sinal da presença do próprio Deus, a *Shekkinah*. A nuvem sobre a tenda da grande revelação indica, por certo, a presença de Deus.

**2. Qual é o contexto?**

Em todos os Evangelhos, a cena da Transfiguração situa-se depois do primeiro anúncio da Paixão. Em Lucas, na frase anterior ao relato, fala-se de «ver o Reino de Deus», isto é, de reconhecer a realeza do Senhor Ressuscitado. É o que, de certo modo, vai acontecer por antecipação, em visão na Transfiguração. A expressão «oito dias depois», em Lucas, conduz-nos até às aparições do Ressuscitado. É o que de certo modo vai acontecer por antecipação, em visão.

**3. Quando é que isto acontece?**

Mateus e Marcosfalam de «seis dias depois» (Mt17,1; Mc 9,2). São Lucas fala de «*oito dias depois*» (Lc 9,28). E acrescenta «*depois destas palavras*», ou mais literalmente *“depois deste discurso*” ou “*depois destes acontecimentos*”. Mas tal cena tem lugar quando? Depois de que acontecimentos? Depois da primeira missão e do regresso dos Doze; depois da multiplicação… Depois de que discurso? Oito dias depois de Jesus ter falado sobre a necessidade de o Filho do Homem sofrer, ser entregue e morrer, para ressuscitar (Lc 9,21-22) e depois de ter enunciado umas cinco máximas sobre o seguimento dos discípulos (Lc9,23-27). Em todo o caso, percebe-se que a aparição da glória de Jesus está ligada à sua Paixão.

**4. Quem são os personagens?**

Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago. Repare-se na ordem dos três íntimos de Jesus, que é diversa da de Mateus e Marcos. Eles testemunham a cena grandiosa da Transfiguração como dispunha a Lei antiga: duas ou três testemunhas (cf. Dt 17,6), os quais são igualmente confirmados para a sua missão futura (após a Ressurreição com a dádiva do Espírito) de dar testemunho d’Ele. Estes mesmos três estarão com Jesus na agonia, no Monte das Oliveiras (cf. Mt 26,37).

**5. Que faz Jesus?**

Jesus sobe ao monte, tomando consigo Pedro, Tiago e João. São Lucas precisa a finalidade desta subida: «*para orar*» (Lc 9,28). A própria transfiguração acontece «*enquanto orava*» (Lc 9,29).

**6. Que significa este «monte»?**

Já sabemos, do Antigo Testamento, do valor simbólico do monte como lugar de revelação. Aparece aqui o monte como lugar de particular proximidade a Deus. Pensemos no monte das tentações (Mt 4,8), no monte da sua grande pregação (Mt 5,1), no monte da agonia (Mt 26,30), no monte da Cruz (Mt 27,32), no monte da Ascensão e do envio em missão (Mt 28,16). O monte é lugar de subida, de ascese interior: a subida implica libertar-se do peso da vida quotidiana, respirar o ar puro da criação. No monte os três discípulos veem resplandecer a glória de Deus.

**7. O que aconteceu a Jesus?**

“*Transfigurou-Se diante deles*”, diz São Marcos. São Mateus acrescenta palavras cuidadas: “o seu rosto resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt 17,2). As Igrejas do Oriente conhecem este episódio da Transfiguração por «metamorfose», a partir das palavras do texto: «*Transfigurou-Se diante deles* [Pedro, Tiago e João]*: o seu rosto resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz*» (Mt 17,2). O branco é a cor divina. E a luz é o seu vestido, conforme o dizer do Salmista «*estás revestido de esplendor e majestade; estás envolto num manto de luz*» (Sl 104,2). Lucas não fala, como Mateus e Marcos, de «transfiguração» ou de «metamorfose». Diz apenas que o seu “rosto” se tornou outro, se tornou distinto do que tinha. Evoca-se aqui a experiência de Moisés (cf. Ex 34,29) que, quando saía da tenda, tinha o rosto resplandecente, iluminado pela glória de Deus. Mas, enquanto para Moisés esta luz vinha de fora, em Jesus esta luz resplandece a partir do Seu interior. Jesus não só recebe a luz, Ele mesmo é a luz. Em Lucas, a “metamorfose” não parece afetar senão as vestes de Jesus. Na literatura apocalítica a extrema brancura da veste é atributo celestial (cf. Dn 7,9). O Apocalipse fala dos eleitos revestidos de túnicas brancas (cf. Ap 7,9.13; 19,14).

**8. Quem fala com Jesus?**

Dois homens falavam com Ele: eram Moisés e Elias. É para Ele que aponta todo o Antigo Testamento! As Escrituras, Moisés, todos os Profetas e os Salmos, falam acerca d’Ele! (Lc 24,27.44; Jo 5,39.46; At 10,43). A referência a Moisés e Elias, que aparecem «em glória», prepara para o acolhimento de Jesus como Palavra definitiva do Pai. Moisés e Elias representam a Lei e os Profetas, todo o Antigo Testamento e acenam para Jesus, que deverá agora ser o «escutado». Eles são as testemunhas da Antiga Aliança. No caminho de Emaús, Jesus retoma os textos da Lei e dos Profetas para iluminar o sentido dos acontecimentos da sua morte e ressurreição (cf. Lc 24,27.32).

**9. De que falam?**

São Mateus não refere o tema da conversa. Mas Lucas di-lo. Literalmente, falam do «êxodo» (Lc 9,31), da «partida», da «passagem» de Jesus para o Pai. Falam, afinal, da sua morte, ressurreição e ascensão. Que a Transfiguração deve ser vista à luz da Ressurreição, fica bem patente no dizer das Igrejas do Oriente que chamam à Festa da Transfiguração, que se celebra no dia 6 de agosto, «a Páscoa do verão». Mas está também claro na ordem taxativa de Jesus ao descer do monte: «A ninguém digais esta visão até que o Filho do Homem seja ressuscitado dos mortos» (Mt 17,9).

**10. Como reagem os discípulos?**

Temos aqui as reações extáticas dos discípulos, num misto de escuta e temor, de temor e alegria, que vão do «medo» (Mc 9,6), ao «sono pesado», ao «despertar» (da morte à vida) até ao desejo de ali permanecer ali. É uma reação de sentimentos opostos e confusos, mas que denota a experiência real de quem segue Jesus entre o cansaço, a ilusão e o desejo de O seguir. Só Lucas diz que eles «viram a glória de Jesus» (cf. 2 Pe 1,17-18), fizeram a experiência da sua Luz.

**11. Que diz Pedro?**

Pedro, sempre ele, em nome dos discípulos de então e de sempre, tenta impedir Jesus de prosseguir a sua missão filial batismal até à Cruz: «Senhor, bom é estarmos aqui … Levantarei aqui três tendas» (Mt 17,4). Aqui significa deter-se no provisório, no preliminar e no penúltimo, e recusar caminhar para o definitivo e o último! Marcos (Mc 9,6) e Lucas (Lc 9,33) anotam criteriosamente que «não sabia o que dizia». Não sabia, porque ainda não tinha sido batizado com o Espírito Santo e com o fogo; quando o for, saberá também ele, discípulo fiel, batizado / confirmado, levar por diante a missão filial batismal em que foi investido e dará testemunho até ao sangue. Era impossível deter a beleza da experiência que ali fizeram. É preciso retomar o caminho sem medo, descer do monte para a vida comum e seguir viagem com Jesus até Jerusalém, até à Páscoa da Cruz, da Morte e da Ressurreição.

**12. Porquê três tendas?**

As tendas apontam para a Festa das Tendas, das Cabanas ou dos Tabernáculos, que recordava a peregrinação de Israel, pelo deserto, onde os judeus tinham vivido em tendas (Lv 23,43), na expectativa da tenda eterna. Durante sete dias, os judeus viviam em tendas, recordando a experiência do deserto e o dom da Lei no Sinai. Inicialmente esta era a última e a mais importante festa das colheitas ou vindimas (na lua cheia de setembro-outubro), em torno dos frutos da eira e do lagar; nesta festa também se recolhia a água das primeiras chuvas e se derramava essa água pedindo um tempo favorável, com a abundância da chuva.

**13. Qual a revelação? De onde procede?**

A voz divina do Pai dirige-Se às testemunhas da cena e não ao próprio Jesus, contrariamente ao que acontece na cena do Batismo (Mc 1,11). Em São Marcos, Jesus é declarado pelo Pai, o seu “Filho muito amado”, que é a forma grega de dizer no hebraico “*Teu filho, teu filho único*” (Gn 22,2.12.16). Esta expressão “Filho muito amado” coincide com a do Batismo.

Mas o texto acrescenta algo mais que o «Filho muito amado», Diz: “escutai-O”, recolhendo assim a frase do livro do Deuteronómio sobre o profeta definitivo, semelhante a Moisés: “O *Senhor, teu Deus, suscitará no meio de vós, de entre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele deves escutar*” (Dt 18,15). O foco de luz, de certo modo, passa de Moisés e Elias para se fixar unicamente em Jesus. Esse Filho a escutar é a própria revelação divina!

Aqui torna-se evidente a afinidade com a subida de Moisés ao Sinai, pano de fundo da história da Transfiguração. No monte, Moisés tinha recebido a Torah, a Palavra com o ensinamento de Deus. Agora referindo-se a Jesus, é-nos dito: «escutai-O». Jesus tornou-Se a própria palavra divina da revelação. Jesus é a própria Torah viva, a Palavra inteira de Deus. Os discípulos devem voltar a descer com Jesus e aprender sempre de novo: «escutai-O». Até então Jesus perguntara: «*Quem dizem os homens que Eu sou?*» (v. 18). Agora é o próprio Pai que, tal como no Batismo, O declara Filho seu, o seu Eleito.

**14. Que acontece a Jesus depois de Se ouvir a voz do Pai?**

Jesus fica sozinho. Jesus fica «isolado»; só sobre Ele é que a luz «deste cenário» incide. Ele é a Palavra definitiva do Pai. Moisés e Elias ficam em contraluz.

**15. Que acontece aos discípulos depois de Se ouvir a voz do Pai?**

Em São Mateus, os discípulos ficam assustados, caindo com o rosto por terra, num sinal de reconhecimento da presença divina. São Lucas diz que os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto. Teriam de passar pela Páscoa para poderem falar do assunto.

**II. MEDITATIO: QUE ME (NOS) DIZ O SENHOR NESTE TEXTO?**

1. Com que relaciono o texto? Que acontecimentos de Cruz e de Luz há na minha vida?
2. Que sinto ou experimento ao ler este texto? Paz? Desassossego? Necessidade de uma experiência forte de encontro com Cristo? Fascínio pela beleza que salva? Desejo de subir até às alturas? Medo de descer à realidade nua e crua da vida?
3. Sinto-me desafiado(a) a parar, uma vez que estou a morrer de sono, de cansaço? Preciso de descansar para ficar sem «olheiras» e ficar de rosto luminoso? Sinto que Jesus me leva a um “alto monte” para estar a sós com Ele?
4. O que significa para mim hoje, o episódio da Transfiguração? Tenho experimentado na minha vida que Jesus Se transfigura, ou seja, que me dá a conhecer o Seu poder e a Sua glória como Deus e Senhor? Em que situações?
5. Tenho “boa memória” das experiências de “transfiguração” na minha vida ou ponho mais acento nas experiências de tristeza e desolação?
6. Percebo que a transfiguração hoje, na minha vida, pode dar-se através de uma forte experiência de encontro com Jesus na oração e na vida sacramental?
7. Onde me situo nesta cena? No topo do encontro com Deus? No vale da desolação e do sofrimento? Na subida do monte ao encontro com o Senhor?
8. Tenho a tentação de Pedro, ao querer ficar no “*topo da experiência mística*” da transfiguração e ao evitar descer desta experiência à realidade da vida quotidiana?
9. Procuro levar a experiência da oração para a minha vida quotidiana?
10. Deixo que a “voz” do Pai me confirme uma e mil vezes que Jesus é o Seu Filho amado e predileto?
11. Escuto e obedeço ao Filho amado e predileto do Pai?
12. Sinto que sou também Eu “Filho(a) amado(a)” do Pai?

**III. ORATIO: QUE DIGO EU (DIZEMOS NÓS) AO SENHOR QUE ME (NOS) FALA NESTE TEXTO?**

1. Em silêncio, pela palavra, pelo canto, pelo gesto, que digo eu ao Senhor?
2. Que palavras, canto, silêncio ou gesto me provoca a Palavra escutada?
3. Ação de graças

Nós damos-Te graças, Pai Santo,

porque nos chamaste à Terra Prometida do Seu Reino

e nos mandaste caminhar até Te encontrarmos.

Enviaste-nos o Teu Filho amado que,

depois de anunciar a sua morte aos discípulos,

lhes mostrou, no monte santo, o esplendor da sua glória

para dar testemunho, de acordo com a lei e os profetas,

que a Paixão é o caminho da Ressurreição.

Desperta, Senhor, a nossa fé,

adormecida por tantas palavras vazias.

Faz com que, decididamente,

nos ponhamos a caminho,

como Jesus ao descer do monte,

para que cheguemos renovados e livres

às festas da Páscoa.

Por Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Ámen.

**IV. CONTEMPLATIO: QUE ME (NOS) É DADO VIVER, SENTIR, SABOREAR, DISCERNIR?**

Contemplar vem das palavras **“cum-templum”**: é estar num lugar à parte; deixar-se possuir pela Palavra; deixar-se abraçar pelo Absoluto que nos toma «à parte». Assim a contemplação é como que o retorno ao paraíso, dando-nos a consolação; a irrupção do divino na História; a visão panorâmica (a «teoria», isto é, a visão de Deus); a visão de tudo à luz do Crucificado e Ressuscitado. Trata-se de saborear o texto e alimentar-se dele. Fixemo-nos, por exemplo, neste testemunho:

*“Uma voz, uma voz muito débil, sussurrou-me que nunca nenhum ser humano seria capaz de me dar o amor que procurava, nem uma certa amizade, nem qualquer outra relação íntima; nem sequer uma comunidade poderia jamais satisfazer as mais profundas necessidades do meu coração. Aquela voz suave, mas insistente, falou-me da minha vocação, dos meus primeiros compromissos, dos muitos dons que recebi na casa do meu Pai. Aquela voz chamou-me «Filho»”* (Henri Nouwen).

**V. ACTIO: QUE FAZER?**

*Sugerem-se algumas atitudes, algumas ações, algumas resoluções ou decisões para a vida. Obviamente, o mais importante é que os participantes percebam que a Palavra lida, meditada e rezada, tem reflexos na vida concreta. As sugestões são apenas “lembretes”, que ajudam a concretizar a vivência da Palavra. Tenham-se em conta, em cada semana, a proposta da Mensagem do Papa para a Quaresma, alguma proposta diocesana ou mesmo a proposta paroquial, se as houver.*

1. Oferecer companhia a Deus, na oração prolongada, e companhia aos outros, numa visita mais demorada.
2. Sair ao encontro dos sem-abrigo ou das pessoas que vivem mesmo sós, de modo que possamos dizer ou ouvi-los dizer: «*Que bom é estarmos aqui*».
3. Criar condições que favoreçam a transfiguração da nossa vida: o silêncio, a oração, a *lectio divina,* o desejo de mudar, o esforço de caminhar... Com gestos assim, o rosto *(o nosso e o dos outros)* ficará resplandecente como o Sol e até a veste do nosso Batismo tornar-se-á branca como a luz!

**Oração final**

Vi-Te, Senhor.

Escutei o teu convite e por isso sigo-Te.

Diante do teu rosto transfigurado

renovo o meu desejo de chegar contigo

até onde a vontade do Pai me levar.

Ilumina a minha vida com a tua luz;

renova-me com a luz do teu amor.

Transfigura a minha vida pessoal,

a vida da minha família e a vida da minha comunidade.

E quando as dificuldades baterem à porta,

dá-me uma memória esperançada;

que recorde quem Tu és e qual a meta que me aguarda.

Não me deixes ceder perante nenhum obstáculo.

Ámen.